

JUNG CHANG ★ JON HALLIDAY



MAO
A HISTÓRIA DESCONHECIDA

Tradução
PEDRO MAIA SOARES

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2005 by Globalflair Ltd.

Publicado originalmente na Grã-Bretanha pela editora Jonathan Cape, de Londres.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

MAO: THE UNKNOWN STORY

Capa

KIKO FARKAS / MÁQUINA ESTÚDIO

ADRIANO GUARNIERI / MÁQUINA ESTÚDIO

Preparação

CACILDA GUERRA

Assistência editorial

MIGUEL SAID VIEIRA

Índice remissivo

GABRIELA MORANDINI

Revisão

JULIANE KAORI

RENATO POTENZA RODRIGUES

Atualização ortográfica

VERBA EDITORIAL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Chang, Jung

Mao : a história desconhecida / Jung Chang, Jon Halliday ;
tradução Pedro Maia Soares. — 2ª ed. — São Paulo : Companhia
das Letras, 2012.

Título original: Mao: the unknown story.

Bibliografia.

ISBN 978-85-359-2147-2

1. Mao, Tse-tung, 1893-1976 2. Chefes de estado — China
— Biografia I. Halliday, Jon. II. Título.

12-07392

CDD-951.05092

Índice para catálogo sistemático:

1. China : Chefes de Estado : Biografia 951.05092

2012

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Lista de abreviações 12

Nota sobre a grafia dos nomes próprios 13

PARTE I — UM CRENTE SEM ENTUSIASMO

1. Entre o antigo e o moderno (1893-1911; 1-17 anos) 17
2. Tornando-se comunista (1911-20; 17-26 anos) 24
3. Crente sem entusiasmo (1920-25; 26-31 anos) 35
4. Ascensão e queda no Partido Nacionalista (1925-27; 31-33 anos) 48

PARTE II — A LONGA MARCHA PARA A SUPREMACIA DENTRO DO PARTIDO

5. O sequestro de uma força comunista e a tomada da terra dos bandidos (1927-28; 33-34 anos) 61
6. Subjugando o Supremo do Exército Vermelho (1928-30; 34-36 anos) 75
7. Tomada de poder leva à morte da segunda mulher (1927-30; 33-36 anos) 86
8. Expurgo sangrento abre caminho para o “presidente Mao” (1929-31; 35-37 anos) 98
9. Mao e o primeiro Estado comunista (1931-34; 37-40 anos) 111
10. De criador de caso a chefe nominal (1931-34; 37-40 anos) 120
11. Como Mao entrou na Longa Marcha (1933-34; 39-40 anos) 129
12. A Longa Marcha I: Chiang deixa os comunistas escaparem (1934; 40 anos) 138
13. A Longa Marcha II: o poder por trás do trono (1934-35; 40-41 anos) 146
14. A Longa Marcha III: o monopólio da conexão com Moscou (1935; 41 anos) 164

PARTE III — A MONTAGEM DE SUA BASE DE PODER

15. A conveniente morte do anfitrião de Mao (1935-36; 41-42 anos) 177
16. O sequestro de Chiang Kai-shek (1935-36; 41-42 anos) 181
17. Um ator nacional (1936; 42-43 anos) 189
18. Nova imagem, vida nova e esposa nova (1937-38; 43-44 anos) 195
19. Infiltrado comunista deflagra
a guerra entre China e Japão (1937-38; 43-44 anos) 204
20. Combater os rivais e Chiang — não o Japão (1937-40; 43-46 anos) 213
21. O cenário mais desejado: Stálin divide
a China com o Japão (1939-40; 45-46 anos) 222
22. Armadilha mortal para seus próprios homens (1940-41; 46-47 anos) 230
23. A montagem de uma base de
poder mediante terror (1941-45; 47-51 anos) 238
24. O envenenamento de Wang Ming (1941-45; 47-51 anos) 253
25. Por fim, supremo líder do partido (1942-45; 48-51 anos) 264

PARTE IV — A CONQUISTA DA CHINA

26. “A Guerra do Ópio Revolucionária” (1937-45; 43-51 anos) 273
27. Os russos estão chegando! (1945-46; 51-52 anos) 281
28. Salvo por Washington (1944-47; 50-53 anos) 293
29. Comunistas infiltrados, traições e
má liderança condenam Chiang (1945-49; 51-55 anos) 301
30. A China conquistada (1946-49; 52-55 anos) 312
31. Estado totalitário, estilo de vida extravagante (1949-53; 55-59 anos) 323

PARTE V — NO ENCALÇO DO SONHO DE SUPERPOTÊNCIA

32. A rivalidade com Stálin (1947-49; 53-55 anos) 337
33. O corpo a corpo de dois tiranos (1949-50; 55-56 anos) 346
34. Por que Mao e Stálin começaram
a Guerra da Coreia (1949-50; 55-56 anos) 356
35. Mao explora a Guerra da Coreia (1950-53; 56-59 anos) 365
36. O início do programa secreto de superpotência (1953-54; 59-60 anos) 380
37. Guerra aos camponeses (1953-56; 59-62 anos) 392
38. Debilitando Khruchióv (1956-59; 62-65 anos) 403
39. A morte das “Cem Flores” (1957-58; 63-64 anos) 415
40. O Grande Salto: “Metade da China
talvez tenha de morrer” (1958-61; 64-67 anos) 424
41. A batalha solitária do ministro da Defesa Peng (1958-59; 64-65 anos) 438

42. Os rebeldes tibetanos (1950-61; 56-67 anos) 451
43. O maoísmo torna-se global (1959-64; 65-70 anos) 456
44. Uma cilada para Mao (1961-62; 67-68 anos) 467
45. A bomba (1962-64; 68-70 anos) 476
46. Um período de incertezas e reveses (1962-65; 68-71 anos) 482

PARTE VI — VINGANÇA AMARGA

47. Um toma lá dá cá garante a Revolução Cultural (1965-66; 71-72 anos) 497
48. O Grande Expurgo (1966-67; 72-73 anos) 507
49. Vingança amarga (1966-74; 72-80 anos) 520
50. O novo aparelhamento do presidente (1967-70; 73-76 anos) 529
51. Medo da guerra (1969-71; 75-77 anos) 540
52. A desavença com Lin Biao (1970-71; 76-77 anos) 544
53. O maoísmo cai estatelado no palco mundial (1966-70; 72-76 anos) 556
54. Nixon: o caçador de comunistas caçado (1970-73; 76-79 anos) 569
55. O chefe nega tratamento de câncer a Chou (1972-74; 78-80 anos) 581
56. Madame Mao na Revolução Cultural (1966-75; 72-81 anos) 588
57. Enfraquecido, Mao garante-se contra riscos (1973-76; 79-82 anos) 599
58. Os últimos dias (1974-76; 80-82 anos) 612

Epílogo 619

Notas 621

Agradecimentos 693

Lista de imagens 695

Lista de entrevistados 697

Arquivos consultados 708

Bibliografia de fontes em chinês 710

Bibliografia de fontes em outras línguas 736

Índice remissivo 759

Sobre os autores 783

PARTE I

Um crente sem entusiasmo

1. Entre o antigo e o moderno (1893-1911; 1-17 anos)

Mao Tse-tung, que durante décadas deteve poder absoluto sobre a vida de um quarto da população mundial, foi responsável por bem mais de 70 milhões de mortes em tempos de paz, mais do que qualquer outro líder do século XX. Ele nasceu numa família de camponeses, em um vale chamado Shaoshan, na província de Hunan, no coração da China, em 26 de dezembro de 1893. Seus ancestrais haviam vivido no vale por quinhentos anos.

Era um mundo de beleza antiga, uma região temperada, úmida, cujas colinas ondulantes e enevoadas eram habitadas desde o Neolítico. Templos budistas que datavam da dinastia Tang (618-906), quando o budismo ali chegou, ainda estavam em uso. Florestas onde quase trezentas espécies de árvores cresciam, entre elas bordo, cânfora, metassequoia e o raro ginkgo, cobriam a área e abrigavam tigres, leopardos e javalis, que ainda vagavam pelas montanhas (o último tigre foi morto em 1957). Esses morros, sem estradas nem rios navegáveis, separavam a aldeia do resto do mundo. Ainda no começo do século XX, a notícia de um acontecimento tão momentoso como a morte do imperador, em 1908, não chegou lá e Mao só ficou sabendo disso dois anos depois, quando deixou Shaoshan.

O vale de Shaoshan mede em torno de cinco por três quilômetros e meio. As cerca de seiscentas famílias que viviam ali plantavam arroz, chá e bambu e usavam búfalos para lavrar os arrozais. A vida cotidiana girava em torno dessas atividades antiquíssimas. Yi-chang, o pai de Mao, nasceu em 1870. Aos dez anos de idade, ficou noivo de uma menina de treze, de uma aldeia distante cerca de dez quilômetros, do outro lado de uma passagem chamada Passo do Tigre em Repouso, onde os tigres costumavam tomar banho de sol. Naquele tempo, essa curta distância era o suficiente para que as duas aldeias falassem dialetos quase ininteligíveis mutuamente. Sendo uma mera menina, a mãe de Mao não recebeu um nome; e, como era a sétima filha do clã Wen, era conhecida apenas como a Sétima Irmã Wen. De acordo com séculos de costume, seus pés haviam sido comprimidos e amarrados para produzir os assim chamados “lírios dourados de três polegadas”, que eram o modelo de beleza da época.

O noivado com o pai de Mao seguiu costumes ancestrais. Foi arranjado pelos pais e se baseava numa consideração prática: o túmulo de um dos avôs dela estava em Shaoshan e precisava ser cuidado periodicamente com rituais elaborados; assim, ter um parente lá seria útil. A Sétima Irmã Wen mudou-se para a casa da família de Mao depois do noivado e casou-se aos dezoito anos, em 1885, quando Yi-chang estava com quinze.

Pouco depois do casamento, Yi-chang partiu para se tornar soldado, a fim de ganhar dinheiro para pagar as dívidas da família, o que conseguiu depois de muitos anos. Os camponeses chineses não eram servos, mas agricultores livres, e entrar para o Exército por razões puramente financeiras era uma prática estabelecida. Felizmente, não se envolveu em nenhuma guerra; em vez disso, conheceu um pouco do mundo e captou algumas ideias para negócios. Ao contrário da maioria dos aldeões, Yi-chang sabia ler e escrever, o suficiente para lidar com contabilidade. Ao retornar, criou porcos e processou grãos para obter um arroz de alta qualidade, a fim de vender no mercado de uma cidade próxima. Comprou de volta as terras que o pai havia penhorado, depois comprou mais terras e se tornou um dos homens mais ricos da aldeia.

Embora relativamente próspero, Yi-chang continuou a ser um homem extremamente trabalhador e econômico por toda a vida. A casa da família consistia em meia dúzia de dependências que ocupavam uma ala de uma grande propriedade coberta de sapê. Mais tarde, Yi-chang substituiu o sapê por telhas, uma grande melhoria, mas conservou o chão batido e as paredes de barro. As janelas não tinham vidros — um luxo ainda raro — e eram apenas aberturas quadradas com barras de madeira, fechadas à noite com pranchas de madeira (a temperatura dificilmente caía abaixo de zero). A mobília era simples: camas de madeira, mesas e bancos de madeira nua. Foi num desses quartos espartanos, sob uma colcha de algodão azul tecida em casa, dentro de um mosquitoeiro azul, que Mao nasceu.

Mao foi o terceiro filho, mas o primeiro a sobreviver à infância. Sua mãe, budista, tornou-se ainda mais devota para que Buda o protegesse. Mao ganhou o nome duplo Tse-tung. *Tse*, que significa “brilhar sobre”, foi o nome dado a toda a sua geração, tal como predeterminado quando a crônica do clã foi escrita pela primeira vez, no século XVIII; *tung* significa “o Leste”. Assim, seu nome completo significava “brilhar sobre o Leste”. Quando dois outros meninos nasceram, em 1896 e 1905, ganharam os nomes de Tse-min (*min* significa “o povo”) e Tse-tan (*tan* se referia possivelmente à região local, *Xiangtan*).

Esses nomes refletiam a inveterada aspiração dos camponeses chineses de que seus filhos fossem bem-sucedidos — e a expectativa de que poderiam ser. Altos cargos estavam abertos a todos por meio da educação, que durante séculos significou estudar os clássicos confucianos. A excelência possibilitaria que homens jovens de qualquer extração passassem nos exames imperiais e se tornassem mandarins — a caminho de se tornarem primeiros-ministros. Um cargo na

burocracia era sinônimo de sucesso e os nomes dados a Mao e seus irmãos expressavam as esperanças neles depositadas.

Mas um grande nome também tinha um peso e desafiava potencialmente o destino; então, a maioria dos filhos ganhava um nome de estimacão que era mais desprezioso ou forte, ou ambos. O de Mao era “Menino de Pedra” — *Shi san ya-zi*. Para esse segundo “batismo”, sua mãe o levou até uma rocha de cerca de dois metros e meio de altura, que tinha fama de ser encantada, pois havia uma fonte sob ela. Depois que Mao fez medidas e reverências, foi considerado adotado pela pedra. Ele gostava muito desse nome e continuou a usá-lo na idade adulta. Em 1959, quando voltou a Shaoshan e se encontrou com os aldeões pela primeira — e única — vez na qualidade de líder supremo da China, começou a jantar para eles com um gracejo: “Então, estão todos aqui, exceto minha Mãe Pedra. Devemos esperar por ela?”.

Mao adorava sua mãe real, com uma intensidade que não demonstrava com mais ninguém. Ela era uma pessoa gentil e tolerante, que, como ele lembrava, jamais ergueu a voz para o filho. Dela herdou o rosto redondo, os lábios sensuais e um autocontrole calmo nos olhos. Mao falaria com emoção sobre a mãe pelo resto da vida. Foi seguindo seu exemplo que se tornou budista quando criança. Anos mais tarde, disse ao seu staff: “Eu idolatrava minha mãe [...] Aonde quer que ela fosse, eu a seguia [...] indo a feiras de templos, queimando incenso e dinheiro de papel, fazendo reverências a Buda [...] Porque minha mãe acreditava em Buda, eu também acreditava”. Mas ele abandonou o budismo na adolescência.

Mao teve uma infância despreocupada. Até os oito anos, morou com a família da mãe, os Wen, na aldeia deles, pois ela preferia morar com sua própria família. Lá, sua avó materna o adorava. Os dois tios e esposas o tratavam como filho e um deles se tornou seu pai adotivo, o equivalente chinês de padrinho. Mao fazia um pouco de trabalho agrícola leve, juntando forragem para os porcos e levando os búfalos para passear nos bosques de camélias, junto a um lago sombreado por folhas de bananeiras. Na velhice, ele se lembraria com ternura dessa época idílica. Começou a aprender a ler, enquanto as tias teciam e costuravam à luz de uma lamparina a óleo.

Mao só voltou a morar em Shaoshan na primavera de 1902, aos oito anos de idade, para receber instrução, que assumiu a forma de estudo na casa de um tutor. Os clássicos confucianos, que compunham a maior parte do currículo, estavam acima da compreensão das crianças e tinham de ser aprendidos de cor. Mao foi abençoado com uma memória excepcional e se saiu bem. Seus companheiros de estudo se lembravam de um menino diligente que conseguia não somente recitar mas também escrever mecanicamente aqueles textos difíceis. Ele também adquiriu conhecimentos básicos de língua e história chinesas e começou a aprender a escrever boa prosa, caligrafia e poesia — escrever poemas era uma parte essencial da educação confuciana. A leitura tornou-se uma paixão.

Em geral, os camponeses se deitavam ao pôr do sol, para economizar óleo, mas Mao ficava lendo noite adentro, com uma lâmparina acesa sobre um banco, ao lado de seu mosquitoireiro. Anos depois, quando era governante supremo da China, metade de sua enorme cama vivia empilhada de clássicos chineses e ele enchia seus discursos e escritos com referências históricas. Mas seus poemas perderam qualidade.

Mao entrava frequentemente em choque com seus tutores. Fugiu de sua primeira escola aos dez anos, dizendo que o professor era um tirano. Foi expulso de pelo menos três escolas — ou “pediram que as deixasse” — por ser teimoso e desobediente. A mãe o protegia, mas o pai não estava contente e o salto de Mao de tutor em tutor era apenas uma das fontes de tensão entre eles. Yi-chang pagava pela educação do filho e esperava que ele pudesse ao menos ajudar nas contas da família, mas Mao não gostava da tarefa. Durante toda a vida, foi confuso com números e uma nulidade em economia. Nem gostava muito do trabalho braçal pesado. Passou a evitá-lo assim que acabaram seus dias de camponês.

Yi-chang não suportava ver Mao ocioso. Tendo gasto cada minuto de seus dias trabalhando, esperava que o filho fizesse a mesma coisa e batia nele quando não obedecia. Mao odiava o pai. Em 1968, quando estava se vingando dos adversários políticos em vasta escala, disse aos torturadores deles que gostaria que seu pai tivesse sido tratado com a mesma brutalidade: “Meu pai era mau. Se estivesse vivo hoje, deveriam ‘pô-lo no jato’”. Tratava-se de uma posição de tortura em que os braços da pessoa eram presos às costas e a cabeça, forçada para baixo.

Mao não era uma mera vítima do pai. Ele reagia e muitas vezes saía vitorioso. Dizia-lhe que, por ser mais velho, deveria fazer mais trabalho manual do que ele, o mais jovem — o que era um argumento incrivelmente insolente pelos padrões chineses. Um dia, de acordo com Mao, pai e filho tiveram uma briga diante de convidados. “Meu pai me repreendeu diante deles. Isso me enfureceu. Disse-lhe uns palavrões e saí da casa [...] Meu pai [...] me perseguiu, me maldizendo e ordenando que eu voltasse. Cheguei na beira de um lago e ameacei saltar se ele se aproximasse mais [...] Meu pai recuou.” Certa vez, ao recontar essa história, Mao riu e acrescentou uma observação: “Velhos como ele não queriam perder os filhos. Era essa a fraqueza deles. Eu ataquei o ponto fraco deles, e venci!”

Dinheiro era a única arma que o pai de Mao possuía. Depois que o filho foi expulso pelo quarto tutor, em 1907, ele deixou de pagar os estudos e o menino de treze anos teve de se tornar camponês em tempo integral. Mas logo encontrou uma maneira de evitar o trabalho na lavoura e voltar ao mundo dos livros. Yi-chang estava ansioso para que o filho se casasse e assim, amarrado, passasse a se comportar com responsabilidade. Sua sobrinha estava com a idade certa para se tornar esposa, sendo quatro anos mais velha do que Mao, o qual concordou com o plano do pai e retornou à escola depois do casamento.

O matrimônio realizou-se em 1908, quando Mao tinha catorze anos, e a noiva, dezoito. O nome da família da garota era Luo, mas ela mesma não tinha

nome próprio e era chamada apenas de Mulher Luo. A única vez que Mao a mencionou foi numa conversa com o jornalista americano Edgar Snow, em 1936, quando manifestou um notável desprezo e exagerou a diferença de idade entre eles: “Quando eu tinha catorze anos, meus pais me casaram com uma garota de vinte. Mas eu nunca vivi com ela [...] Não a considero minha esposa [...] e pensei muito pouco nela”. Não deu nenhuma pista de que não estava mais viva; na verdade, Mulher Luo morreu em 1910, pouco mais de um ano após o casamento.

O casamento precoce de Mao fez dele um feroz oponente dos casamentos arranjados. Nove anos depois, escreveu um artigo violento contra a prática: “Nas famílias ocidentais, os pais reconhecem a livre vontade dos filhos. Mas, na China, as ordens dos pais não são de modo algum compatíveis com a vontade dos filhos [...] Trata-se de um tipo de ‘estupro indireto’. Os pais chineses estão todo o tempo estuprando indiretamente seus filhos”.

Assim que sua mulher morreu, o viúvo de dezesseis anos exigiu partir de Shaoshan. O pai queria que ele fosse aprendiz num armazém de arroz na cidade próxima, mas Mao estava de olho numa escola moderna, distante cerca de 25 quilômetros. Ele soubera que o exame imperial fora abolido. Agora havia escolas modernas que ensinavam matérias como ciência, história e geografia mundiais e línguas estrangeiras. Foram essas escolas que abriram as portas de saída da vida camponesa para muitos chineses como ele.

No final do século XIX, a China havia embarcado numa transformação social dramática. A dinastia manchú, no poder desde 1644, vivia uma transição do antigo para o moderno. A mudança foi precipitada por uma série de derrotas acachapantes nas mãos das potências europeias e do Japão, a começar pela Guerra do Ópio, de 1839-42, quando as potências ocidentais vieram bater nas portas fechadas da China. Da corte manchú aos intelectuais, quase todos concordavam que o país precisava mudar se quisesse sobreviver. Fizeram-se muitas reformas fundamentais, entre as quais a instalação de um sistema educacional completamente novo. Iniciou-se a construção de ferrovias. Indústrias e comércio modernos ganharam alta prioridade. Permitiu-se a existência de organizações políticas. Publicaram-se jornais pela primeira vez. Mandaram-se jovens ao exterior para estudar ciências e mandarins para aprender sobre democracia e sistemas parlamentares. Em 1908, a corte anunciou um programa para se transformar numa monarquia constitucional dentro de um período de nove anos.

Hunan, a província de Mao, que tinha algo em torno de 30 milhões de habitantes, tornou-se um dos lugares mais liberais e excitantes da China. Embora longe do litoral, era ligada por rios navegáveis à costa e, em 1904, sua capital, Changsha, se tornou um porto de comércio “aberto”. Um grande número de comerciantes e missionários estrangeiros chegou, trazendo modos e instituições ocidentais. Quando Mao ficou sabendo das escolas modernas, havia mais de cem delas, mais do que em qualquer outro lugar da China, inclusive muitas para mulheres.

Uma delas se localizava perto da aldeia de Mao e se chamava Monte Oriental, no condado dos Wen, a família de sua mãe. As taxas e despesas de acomodação eram bem caras, mas Mao conseguiu que os Wen e outros parentes convencessem seu pai, que arcou com o custo durante cinco meses. A esposa de um de seus primos Wen substituiu o velho mosquiteiro feito à mão por um de musselina feito à máquina, apropriado à modernidade da escola.

Essa escola abriu os olhos de Mao. Havia aulas de educação física, música e inglês e entre o material de leitura havia biografias resumidas de Napoleão, Wellington, Pedro, o Grande, Rousseau e Lincoln. Mao ouviu falar da América e da Europa pela primeira vez e ficou de olho em um homem que estivera no exterior — um professor que estudara no Japão e que os alunos apelidaram de “falso diabo estrangeiro”. Décadas mais tarde, Mao ainda se lembrava de uma canção japonesa que esse professor ensinara e que celebrava a formidável vitória militar do Japão sobre a Rússia em 1905.

Mao esteve na escola Monte Oriental apenas por alguns meses, mas foi o suficiente para que encontrasse uma nova abertura. Em Changsha havia uma escola criada especialmente para jovens do condado dos Wen e Mao persuadiu um professor a matriculá-lo, ainda que, em termos estritos, ele não pertencesse àquele condado. Na primavera de 1911, chegou a Changsha sentindo-se, em suas próprias palavras, “extremamente excitado”. Aos dezessete anos, dizia adeus para sempre à vida de camponês.

Mao afirmou mais tarde que quando era menino, em Shaoshan, se preocupava com os camponeses pobres. Não há provas disso. Ele disse que fora influenciado, ainda em Shaoshan, por um certo P’ang, o Fazedor de Mós, que tinha sido preso e decapitado após liderar uma revolta local de camponeses, mas uma busca exaustiva dos historiadores do Partido Comunista por esse herói não encontrou nenhum traço dele.

Não há sinais de que Mao tenha derivado de suas raízes camponesas alguma preocupação social, muito menos que fosse motivado por um sentimento de injustiça. Em 5 de abril de 1915, o professor Yang Chang-chi escreveu em seu diário: “Meu aluno Mao Tse-tung disse que [...] seu clã [...] é composto principalmente de camponeses, e *é fácil para eles enriquecer*” (grifo nosso). Mao não demonstrava nenhuma simpatia em particular pelos camponeses.

Até o final de 1925, quando estava com trinta e poucos anos, e cinco anos depois de se tornar comunista, Mao fez poucas referências a camponeses em todos os seus escritos e conversas conhecidos. Eles aparecem, de fato, numa carta de agosto de 1917, mas, longe de expressar simpatia, Mao diz que estava “surpreso” com o modo como um comandante chamado Tseng Kuo-fan havia “liquidado” com a maior revolta camponesa da história chinesa, a Rebelião T’ai-ping, de 1850-64. Dois anos depois, em julho de 1919, Mao escreveu um ensaio sobre pessoas de diferentes ocupações na vida — os camponeses foram inevitavelmente mencionados —, mas sua lista de questões era muito geral, e seu tom, neutro. Havia uma notável ausência de emoção quando mencionava os campo-

neses, em comparação com a paixão que transpirava ao falar dos estudantes, cuja vida descrevia como “um mar de amargura”. Em uma lista abrangente de pesquisas que traçou em setembro daquele ano, que continha não menos que 71 itens, somente um título (o décimo) era sobre trabalho; o único de seus subtítulos que mencionava camponeses só o fazia como “a questão dos lavradores que intervêm na política”. A partir do final de 1920, quando entrou para a órbita comunista, Mao começou a usar expressões como “operários e camponeses” e “proletariado”. Mas eram meras frases, parte de um vocabulário obrigatório.

Décadas depois, Mao falou sobre como, na época em que era um jovem de Shaoshan, ele se preocupava com o povo faminto. Os documentos não mostram tal preocupação. Em 1921, Mao esteve em Changsha durante uma epidemia de fome. Um amigo dele escreveu no diário: “Há muitos mendigos — devem ser mais de cem por dia [...] A maioria [...] se parece com esqueletos embrulhados em pele amarela, como se pudessem ser levados por uma rajada de vento”. “Ouvi que tanta gente que veio para cá [...] a fim de fugir da fome em suas regiões, havia morrido — que aqueles que vinham dando tábuas de madeira [para fazer caixões] [...] não têm mais condições de fazer isso.” Não há menção desse evento nos escritos de Mao da época, e nenhum sinal de que tenha dado alguma atenção a esse assunto.

O passado camponês de Mao não o imbuíu de idealismo que pudesse melhorar o fardo dos camponeses chineses.

2. Tornando-se comunista (1911-20; 17-26 anos)

Mao chegou em Changsha na primavera de 1911, às vésperas da revolução republicana que acabaria com mais de 2 mil anos de regime imperial. Embora parecesse “exatamente uma cidade medieval” para o filósofo britânico Bertrand Russell, que a visitou uma década depois, com “ruas estreitas [...] sem tráfego possível senão de cadeirinhas e jinriquixás”, Changsha não estava apenas em contato com novas ideias e tendências, também fervilhava de atividade republicana.

A corte havia prometido uma monarquia constitucional, mas os republicanos queriam se ver totalmente livres dos manchus. Para eles, o regime vigente era dominação “estrangeira”, pois os manchus não eram chineses han, o grupo étnico que compunha a maioria da população — cerca de 94%. Os republicanos acendiam centelhas em jornais e revistas que haviam surgido em toda a China na década anterior, e por meio da prática inteiramente nova dos debates públicos, naquilo que até então havia sido uma sociedade quase totalmente privada. Eles fundaram organizações e fizeram vários levantes armados — e fracassados.

Mao logo se inteirou das questões pelos jornais, que lia pela primeira vez aos dezessete anos — o começo de um vício de toda a vida. Ele escreveu seu primeiro e um tanto confuso ensaio político em que expressava opiniões republicanas e o colou em uma parede da escola, de acordo com a última moda. Tal como muitos outros estudantes, cortou o rabo de cavalo, um costume manchú que era o símbolo mais óbvio do regime imperial. Com um amigo, fez uma emboscada a uma dezena de outros estudantes e também cortou à força seus rabichos.

Naquele verão, extremamente quente e úmido como era comum em Changsha, os estudantes debateram com intensidade sobre como derrubar o imperador. Um dia, no meio de uma discussão apaixonada, um jovem rasgou de repente sua longa bata escolar, jogou-a no chão e gritou: “Façamos alguns exercícios marciais e nos preparemos para a guerra [contra o imperador]!”.

Em outubro, uma insurreição armada na província vizinha de Hubei anunciou a revolução republicana. A dinastia manchú, que governara a China por mais de 260 anos, desmoronou e proclamou-se a república no dia 1º de janeiro de 1912. O imperador criança Pu Yi abdicou no mês seguinte.

Yuan Shih-kai, chefe militar do país, tornou-se presidente, sucedendo ao presidente interino Sun Yat-sen. As províncias foram controladas por homens fortes do Exército, fiéis a Yuan. Quando ele morreu, em 1916, o governo central de Pequim se enfraqueceu e o poder se fragmentou entre os chefes provinciais, que se tornaram comandantes militares semi-independentes. Durante a década seguinte, eles travaram guerras esporádicas que interferiam na vida civil das zonas de combate. Mas, afora isso, esses comandantes pouco afetavam a maior parte da população. Com efeito, o governo fraco da jovem república abriu todo tipo de oportunidade de carreira. O jovem Mao tinha diante de si uma grande variedade de escolhas — indústria, comércio, direito, administração, educação, jornalismo, cultura, Forças Armadas. Primeiro, alistou-se em um dos exércitos republicanos, abandonando-o depois de alguns meses, pois não gostava dos exercícios militares nem de tarefas como carregar água para a cozinha, para a qual contratara um vendedor de água que fazia o serviço por ele. Decidiu voltar para a escola e analisou os vários anúncios publicados nos jornais (a propaganda colorida e bastante sofisticada também era uma novidade na China). Seis instituições chamaram sua atenção, inclusive uma escola de polícia, uma escola de direito — e uma escola especializada na fabricação de sabão. Ele escolheu uma escola qualquer e lá ficou durante seis meses, antes que o tédio o levasse a estudar por conta própria na biblioteca provincial.

Por fim, Mao encontrou algo que adorava fazer. Passava os dias ali, devorando livros novos, inclusive traduções de escritos ocidentais. Mais tarde, descreveu-se como um búfalo atacando uma horta e engolindo tudo o que crescia lá. Essas leituras o ajudaram a libertar sua mente dos constrangimentos tradicionais.

Mas seu pai ameaçou deserdá-lo se ele não entrasse numa escola adequada. Mao foi então cursar magistério numa escola que não cobrava matrícula e oferecia pensão barata — como outras escolas desse tipo naquela época, dentro do esforço do país de promover a educação.

Era a primavera de 1913 e Mao estava com dezenove anos. A escola encarnava a abertura mental da época. Até o prédio era em estilo europeu, com arcos românicos e um amplo pórtico com colunas, e era chamado apropriadamente de *yang-lou* — Edifício Estrangeiro. As salas de aula tinham assoalho de madeira e janelas de vidro. Os alunos eram expostos a todos os tipos de ideias novas e estimulados a pensar com liberdade e organizar grupos de estudo. Eles produziam publicações sobre anarquismo, nacionalismo e marxismo, e durante algum tempo um retrato de Marx esteve pendurado na parede do auditório. Mao já havia cruzado com a palavra *socialismo* em um jornal. Agora encontrava *comunismo* pela primeira vez. Foi um verdadeiro período de “deixar florescer cem flores” — expressão que Mao invocaria em certo momento de seu governo, mas sem permitir uma fração mínima da liberdade que ele mesmo gozara quando jovem.

Mao não era um solitário e, como os estudantes de todo o mundo, ele e seus amigos conversavam muito. A escola ficava perto do rio Xiang, o maior de Hunan. A natação no rio inspirou Mao a escrever um poema um tanto floreado em

1917. À noite, os jovens faziam longas caminhadas pelas margens, deleitando-se com a visão dos juncos que deslizavam junto à ilha das Laranjas, que era coberta de laranjais. Nas noites de verão, subiam o morro que ficava atrás da escola, sentavam-se na grama e discutiam noite adentro, ouvindo grilos e vendo vagalumes, ignorando o chamado da corneta para dormir.

Mao e seus amigos também viajavam. Havia total liberdade para ir e vir e nenhuma necessidade de documentos de identificação. Durante as férias de verão de 1917, ele e um amigo perambularam pelo campo por um mês, ganhando comida e abrigo dos camponeses e, em troca, fazendo caligrafias para decorar suas portas da frente. Em outra ocasião, Mao e dois colegas de escola caminharam ao longo de uma ferrovia recém-construída e, quando a noite caiu, bateram à porta de um mosteiro que ficava no alto de um morro, com vista para o rio Xiang. Os monges permitiram que pernoitassem ali. Depois do jantar, os três desceram até o rio por um caminho de pedras, nadaram e em seguida sentaram-se na areia e expuseram suas opiniões, ao som das águas. O quarto de hóspedes tinha uma varanda e os jovens continuaram conversando no silêncio da noite. Um deles ficou emocionado com a beleza da noite tranquila e disse que queria se tornar monge.

Nessa e em outras conversas, Mao despejava desprezo sobre seus compatriotas. “A natureza do povo do país é a inércia”, dizia. “Eles cultivam a hipocrisia, estão contentes em ser escravos e são tacanhos.” Tratava-se de um sentimento comum entre as pessoas instruídas da época, quando se procuravam explicações para a fácil derrota da China para as potências estrangeiras e para o fato de o país se arrastar com dificuldade na direção do mundo moderno. Mas o que Mao disse em seguida significava um extremismo incomum. “O sr. Mao também propôs queimar todas as coleções de prosa e poesia posteriores às dinastias Tang e Sung de uma vez só”, escreveu um amigo em seu diário.

Essa foi a primeira vez em que Mao mencionou um tema que seria típico de seu regime — a destruição da cultura chinesa. Quando disse isso ali, no mosteiro iluminado pela lua, não soou totalmente despropositado. Naquele tempo de liberdade pessoal e intelectual sem precedentes, o momento mais livre da história chinesa, tudo que fora tido como certo era questionado, e o que fora considerado errado era proclamado certo. Deveriam existir países? Famílias? Casamento? Propriedade privada? Nada era chocante demais, exorbitante demais, ou indizível.

Foi nesse ambiente que as opiniões de Mao sobre moral se moldaram. No inverno de 1917-18, ainda estudante ao completar 24 anos, ele escreveu comentários extensos sobre um livro intitulado *Um sistema de ética*, de Friedrich Paulsen, um filósofo alemão menor do final do século XIX. Nessas notas, Mao expressava os elementos centrais de seu próprio caráter, que permaneceram consistentes pelo resto das seis décadas de sua vida e definiram seu modo de governar.

A atitude de Mao em relação à moralidade tinha um centro, o eu acima de tudo: “Não concordo com a ideia de que, para ser moral, o motivo de nossa ação deve ser

beneficiar os outros. A moralidade não tem de ser definida em relação aos outros [...] As pessoas como eu querem [...] satisfazer plenamente o próprio coração, e, ao fazer isso, temos automaticamente o mais valioso dos códigos morais. Claro que existem pessoas e objetos no mundo, mas eles estão todos lá somente para mim”.

Mao evitava todas as restrições que provinham da responsabilidade e do dever. “Pessoas como eu têm um dever somente para consigo mesmas; não temos dever para com outras pessoas.” “Sou responsável somente pela realidade que conheço e absolutamente não responsável por qualquer outra coisa. Não sei do passado, não sei do futuro. Eles não têm nada a ver com a realidade de meu próprio eu.” Ele rejeitava explicitamente qualquer responsabilidade em relação a gerações futuras. “Alguns dizem que temos responsabilidade perante a História. Não creio nisso. Estou preocupado apenas com meu desenvolvimento [...] Tenho meu desejo e ajo de acordo com ele. Não sou responsável perante ninguém.”

Mao não acreditava em nada, exceto no que pudesse beneficiá-lo. Um bom nome após a morte, disse ele, “não pode me trazer nenhuma alegria, pois ele pertence ao futuro e não à minha própria realidade”. “Pessoas como eu não estão construindo a fim de deixar para as gerações futuras.” Mao não se preocupava com o que deixaria para o futuro.

Ele argumentava que a consciência poderia ir para o inferno se houvesse um conflito com seus impulsos:

Essas duas coisas devem ser uma e a mesma. Todas as nossas ações [...] são dirigidas por impulso e a consciência que é sábia vai junto com isso em todas as instâncias. Às vezes [...] a consciência restringe impulsos como comer demais ou entregar-se demais ao sexo. Mas a consciência só está ali para constranger, não para se opor. E o constrangimento é para melhor completar o impulso.

Como a consciência sempre implica alguma preocupação com as outras pessoas e não é um corolário do hedonismo, Mao estava rejeitando o conceito. Sua ideia era: “Não penso que esses [mandamentos como ‘não matarás’, ‘não roubarás’ e ‘não caluniarás’] têm a ver com consciência. Penso que eles são produto apenas do interesse próprio e da autopreservação”. Todas as considerações devem “ser puro cálculo para si mesmo e de forma alguma para obedecer a códigos éticos externos, ou para os assim chamados sentimentos de responsabilidade”.

Egoísmo absoluto e irresponsabilidade estavam no cerne da visão de Mao.

Ele sustentava que esses atributos estavam reservados para os “grandes heróis” — grupo no qual se incluía. Para essa elite, dizia:

Tudo que está fora da sua natureza, tais como restrições e constrangimentos, deve ser varrido pela grande força da natureza deles [...] Quando dão rédeas aos seus impulsos, os Grandes Heróis são magnificamente poderosos, tempestuosos e invencíveis. Seu poder é como um furacão levantando-se de uma garganta profunda, e como um maníaco por sexo no cio e na caça de uma amante [...] não há como detê-los.

O outro elemento central de seu caráter que Mao revelou então foi o prazer que sentia com a sublevação e a destruição: “Guerras gigantescas durarão tanto quanto o céu e a terra e jamais se extinguirão [...] O ideal de um mundo de Grande Igualdade e Harmonia [*da tong*, sociedade ideal confucionista] está errado”. Não se tratava apenas da previsão que poderia ser feita por um pessimista: era o *desideratum* de Mao, que ele asseverava que a população em geral desejava. “A paz duradoura”, sustentava,

é insuportável para os seres humanos, e ondas enormes de perturbação precisam ser criadas nesse estado de paz [...] Quando olhamos para a história, adoramos os tempos de [guerra] quando dramas aconteceram um depois do outro [...] que tornam a leitura sobre eles uma grande diversão. Quando chegamos aos períodos de paz e prosperidade, ficamos entediados [...] A natureza humana ama mudanças rápidas e súbitas.

Mao simplesmente esquecia a diferença entre ler sobre eventos eletrizantes e viver um cataclismo real. Ignorava o fato de que, para a avassaladora maioria, a guerra significava miséria.

Ele até articulou uma atitude de cavaleiro perante a morte:

Os seres humanos são dotados do sentimento de curiosidade. Por que deveríamos tratar a morte de modo diferente? Não queremos experimentar coisas estranhas? A morte é a coisa mais estranha, que você jamais experimentará se continuar vivendo [...] Alguns têm medo dela porque a mudança é demasiado drástica. Mas penso que essa é a coisa mais maravilhosa: em que outro lugar deste mundo podemos achar uma mudança tão fantástica e drástica?

Usando o plural majestático, Mao continuava: “Nós amamos velejar num mar de sublevações. Ir da vida para a morte é experimentar a maior sublevação. Não é magnífico?!”. À primeira vista, essa declaração pode parecer surreal, mas depois que dezenas de milhões de chineses morreram de fome durante seu regime, Mao disse ao círculo dos mais íntimos que não importava se as pessoas morressem — e até aquelas mortes deviam ser comemoradas. Como fazia frequentemente, só aplicava o que dizia aos outros, não a si mesmo. Ao longo de toda a vida, carregou a obsessão de encontrar modos de driblar a morte, fazendo de tudo para aperfeiçoar sua segurança e melhorar seus cuidados médicos.

Quando chegou à questão de como mudar a China, Mao pôs grande ênfase na destruição: “o país precisa ser [...] destruído e depois reformado”. Essa ideia não se aplicava apenas à China, mas também ao resto do mundo — e até ao universo: “Isso se aplica ao país, à nação e à humanidade [...] A destruição do universo é a mesma coisa [...] Pessoas como eu anseiam por essa destruição, porque, quando o velho universo for destruído, um novo universo se formará. Não é melhor assim?!”.

Essas opiniões, ditas com tanta clareza aos 24 anos de idade, permaneceram no cerne do pensamento de Mao durante toda a sua vida. Em 1918, tinha poucas perspectivas de pô-las em prática e elas não tiveram nenhum impacto, embora ele pareça ter sido alguém que impressionava. Seu professor Yang Chang-chi escreveu em seu diário, em 5 de abril de 1915: “Meu aluno Mao Tse-tung disse que [...] seu [...] pai era camponês e agora está se tornando comerciante [...] Contudo, ele [Mao] é muito fino e destacado. Realmente difícil de encontrar [...] Como a origem camponesa produz frequentemente talentos extraordinários, eu o estimulei”. Mas Mao não parecia ter qualidades de liderança. Outro professor disse mais tarde que ele não mostrava “nenhum talento especial para a liderança” na escola. Quando tentou criar uma espécie de clube e divulgou a notícia, somente umas poucas pessoas apareceram e a coisa não deu em nada. Quando uma dezena de amigos criou a Nova Sociedade Popular de Estudos, em abril de 1918, Mao não foi eleito líder.

Ele chegou mesmo a ter dificuldade para encontrar emprego depois que se formou na escola normal, em junho de 1918. Na época, era comum que os jovens formados tivessem a aspiração de viajar ao exterior para estudar. Para as famílias que não tinham meios de sustentá-los, como a de Mao, havia um esquema de ir para a França num programa de estudos e trabalho. A França precisava de mão de obra depois de perder tantos jovens na Primeira Guerra Mundial (um dos trabalhos para os quais importaram trabalhadores chineses foi o de remover cadáveres dos campos de batalha).

Alguns dos amigos de Mao foram para a França, ele não. A perspectiva da labuta física o desanimava. E outro fator parece ter desempenhado um papel nisso — a exigência de aprender francês. Mao não era bom em línguas e durante toda a vida usou apenas seu dialeto local, não falava nem mesmo o *putonghua* (“fala comum”), que seu próprio regime transformou em língua oficial. Em 1920, quando ir à Rússia estava em voga, Mao pensou na possibilidade de viajar para lá (disse a uma namorada que “minha mente está cheia de felicidade e esperança” com essa ideia), mas acabou desistindo por ter de aprender russo. Fez uma tentativa, tomando lições com o emigrado (e agente) russo Serguei Polevoi, mas, segundo Polevoi, os outros alunos caçoaram dele por não conseguir dominar nem o alfabeto, e ele foi embora ofendido. Ao contrário de muitos de seus contemporâneos radicais, inclusive a maioria dos futuros líderes comunistas chineses, Mao não foi à França nem à Rússia.

Em vez disso, depois de deixar a escola, tomou emprestado algum dinheiro e partiu para a capital a fim de tentar a sorte. Em 1918, Pequim era uma das cidades mais lindas do mundo, onde camelos passavam pelas ruas, diante de palácios magníficos. Os jardins imperiais, perto de onde Mao se instalou, acabavam de ser abertos ao público. Quando chegou o inverno, ele e os amigos — sulistas que raramente haviam visto neve ou gelo — maravilharam-se diante dos lagos congelados, cercados por salgueiros carregados de sinelos e ameixas de inverno abertas.

Mas a vida na capital era dura. A grande liberdade e as oportunidades que a modernização havia introduzido na China trouxeram poucas vantagens materiais e boa parte do país ainda era extremamente pobre. Mao ficou com outros sete amigos em três quartos minúsculos. Quatro deles se amontoavam sobre uma *kang*, uma cama de tijolos aquecida, sob um único acolchoado, tão apertados que quando um deles precisava se virar tinha de avisar os outros. Os oito tinham apenas dois sobretudos e precisavam sair de casa em turnos. Como havia aquecimento na biblioteca, Mao ia até lá ler nos finais de tarde.

Em Pequim, Mao não chegou a lugar nenhum. Durante algum tempo, trabalhou como bibliotecário iniciante, ganhando oito yuans por mês — um salário mínimo. Uma de suas tarefas era registrar os nomes das pessoas que iam à biblioteca ler jornais, muitas das quais ele reconhecia como intelectuais importantes, mas Mao não causava grande impressão e eles não lhe davam atenção. Mao sentia-se desconsiderado e guardou muito rancor. Mais tarde, afirmou que “a maioria deles não me tratava como um ser humano”. Menos de seis meses depois de chegar, foi embora, tão quebrado que precisou pedir dinheiro emprestado para voltar para casa. Retornou a Changsha em abril de 1919, via Xangai, onde se despediu dos amigos, que iam para a França. Depois de ser um espectador da vida política e intelectual das grandes cidades cosmopolitas, agora tinha de se conformar com um emprego de professor de história numa escola primária de sua província natal.

Mao não se apresentava como um professor modelar. Era desleixado e aparentemente nunca trocava de roupa. Seus alunos lembravam dele desganhado, com meias furadas e sapatos de algodão feitos em casa, prestes a se desmilinguir. Mas pelo menos observava as regras básicas de decoro. Dois anos depois, quando lecionou em outro estabelecimento, as pessoas reclamaram porque ele não usava nada da cintura para cima. Quando lhe pediram para se vestir de modo mais decente, Mao replicou: “Não seria nada escandaloso ficar totalmente pelado. Considerem-se com sorte por eu não estar completamente nu”.

Mao retornara a Changsha num momento histórico fundamental. Na época, havia na China vários enclaves arrendados por potências do exterior que funcionavam fora da jurisdição do país, com belonaves estrangeiras nas proximidades para proteger seus cidadãos. A opinião pública da China despertou para esse problema e passou a exigir que essas colônias virtuais fossem devolvidas. Mesmo assim, a conferência de paz de Paris de 1919, que estabeleceu o acordo do pós-guerra, e da qual participou uma delegação chinesa, permitiu que o Japão permanecesse no território de Shandong, que os japoneses haviam tomado aos alemães durante a Primeira Guerra Mundial. Essa decisão enfureceu o sentimento nacionalista. Em 4 de maio de 1919, pela primeira vez na história, ocorreu uma grande manifestação de rua em Pequim, denunciando o governo por “traição” e protestando contra a presença japonesa em território chinês. O movimento se

espalhou pelo país. Produtos japoneses foram queimados em cidades e vilas e as lojas que os vendiam foram atacadas. Muitos chineses estavam desapontados com o governo republicano, que não conseguira das potências estrangeiras um acordo melhor do que seu predecessor manchú. Cresceu o sentimento de que era preciso alguma coisa mais radical.

Em Changsha — onde agora havia tantos interesses estrangeiros que Japão, Estados Unidos e Grã-Bretanha haviam aberto consulados na cidade —, formou-se uma união de estudantes militantes, que incluía professores. Mao envolveu-se ativamente no papel de editor da revista que eles criaram, a *Revista do Rio Xiang*. No primeiro número, expôs suas ideias radicais: “Devemos agora duvidar do que não ousávamos duvidar, empregar métodos que não ousávamos empregar”. Era uma operação pobre: Mao escrevia a maioria dos artigos no calor sufocante, enquanto percevejos percorriam as pilhas de clássicos chineses que lhe serviam de traveseiro, e além disso tinha de vender a revista nas esquinas. Publicaram apenas cinco números.

Mao continuou a escrever ocasionalmente em outras publicações. Da sua produção fazem parte dez artigos que tratam da mulher e da família. Era um defensor da independência feminina, da livre escolha no casamento e da igualdade com os homens — opiniões não incomuns entre os radicais. Essa produção parece ter sido inspirada pela morte, em 5 de outubro de 1919, de sua mãe, que ele tanto amava. Ele mandava a ela receitas médicas para seus males, a difteria e um nódulo linfático, e tomara providências para que ela fosse a Changsha ser tratada. Na primavera daquele ano, em Changsha, tiraram a primeira e única fotografia dela, aos 52 anos, com os três filhos, numa imagem de paz interior. Mao mostra uma expressão de determinação tranquila e alheamento. Seus dois irmãos estão com roupas de camponês e parecem acanhados, mas ele revela um ar elegante em sua longa bata, o traje tradicional dos intelectuais e pequenos fidalgos.

Na relação com a mãe, enquanto ela parece ter demonstrado amor e tolerância incondicionais, Mao a tratava com uma mistura de afetividade e egoísmo. No final da vida, ele contou a um de seus colaboradores mais íntimos uma história reveladora: “Quando minha mãe estava morrendo, eu lhe disse que não conseguia suportar vê-la em agonia. Eu queria guardar uma imagem linda dela, então lhe pedi para me afastar por um tempo. Minha mãe era uma pessoa muito compreensiva e concordou. Portanto a imagem que guardo dela em minha mente sempre foi e ainda é a de uma pessoa linda e saudável”. No leito de morte da mãe, Mao deu prioridade a si próprio e não a ela, e ele nem hesitou em dizer isso.

Menos surpreendente é o fato de Mao ter tratado com frieza o pai agonizante. Yi-chang morreu de tifo em 23 de janeiro de 1920, e antes de sua morte quis muito ver o filho mais velho, mas Mao se manteve longe, e não parece ter ficado triste.

Em um artigo escrito em 21 de novembro de 1919, pouco depois da morte da mãe, e intitulado “Sobre a independência das mulheres”, Mao sustentava que as “mulheres podem fazer tanto trabalho físico quanto os homens. Só não podem fazer isso durante o parto”. Assim, sua resposta à “independência das mulheres”

era que elas “deveriam se preparar suficientemente [...] antes de casar, de tal modo que possam se sustentar sozinhas” e até que “as mulheres deveriam estocar o que precisam para o período do parto”. Evidentemente, como homem, Mao não queria ter de cuidar das mulheres. Não queria nenhuma responsabilidade em relação a elas. Ademais, sua insistência de que as mulheres podiam fazer o mesmo tipo de trabalho braçal dos homens, que ia contra a realidade óbvia, mostrava que ele sentia pouca ternura por elas. Quando chegou ao poder, o centro de seu pensamento sobre as mulheres era pô-las para trabalhar pesado. Em 1951, escreveu sua primeira mensagem para o Dia das Mulheres, que dizia: “Uni-vos para tomar parte na produção”.

No final de 1919, os estudantes e professores radicais de Hunan começaram um movimento para derrubar o governante provincial, Chang Ching-yao. Mao acompanhou uma delegação ao governo central, em Pequim, escrevendo petições e panfletos em cima do altar do templo tibetano onde estava hospedado. Embora a delegação não tenha alcançado seu objetivo, Mao conseguiu, como importante radical de Hunan, se encontrar com personalidades famosas, entre elas Hu Shih, uma brilhante figura liberal, e Li Ta-chao, um proeminente marxista.

Mas foi na volta, via Xangai, que ele teve o encontro que mudaria sua vida. Em junho de 1920, visitou o professor Chen Tu-hsiu, na época o maior intelectual marxista da China, envolvido no processo de formação do Partido Comunista Chinês (PCC). Mao escrevera um longo artigo chamando-o de “uma estrela brilhante no mundo do pensamento”. Aos quarenta anos, Chen era o líder incontestado dos marxistas chineses, um verdadeiro crente, carismático, com um temperamento volátil.

A ideia de fundar um partido comunista não provinha do professor, nem de qualquer outro chinês. Ela se originara em Moscou. Em 1919, o novo governo soviético criara a Internacional Comunista, o Comintern, para fomentar a revolução e influenciar politicamente o mundo todo a favor dos interesses de Moscou. Em agosto, os soviéticos lançaram um grande programa secreto de ação e subversão para a China, dando início a um compromisso de dinheiro, homens e armas que duraria três décadas e que culminaria com a tomada do poder pelos comunistas comandados por Mao em 1949 — o mais duradouro triunfo da política externa da União Soviética.

Em janeiro de 1920, os bolcheviques tomaram a Sibéria Central e estabeleceram uma ligação por terra com a China. Em abril, o Comintern mandou à China o representante Grigori Voitinski. Em maio, estabeleceu um centro em Xangai com o objetivo, como outro agente relatou a Moscou, de “construir um partido chinês”. Voitinski propôs então ao professor Chen que fosse fundado um partido comunista. Em junho, Voitinski já relatara que Chen deveria ser o secretário do partido (isto é, o chefe) e estava contatando “revolucionários em várias cidades”.

Foi exatamente nessa época que Mao bateu à porta de Chen, e se deparou por acaso com o surgimento do PCC. Mao não foi convidado a ser um dos fundadores. Ao que parece, também não lhe falaram sobre a iminente fundação. Os oito membros fundadores eram todos eminentes marxistas e Mao ainda nem dissera que acreditava no marxismo. O partido foi fundado em agosto, depois que Mao partiu de Xangai.*

Mas, embora não tenha sido um dos fundadores, Mao estava no círculo imediatamente seguinte. O professor Chen atribuiu-lhe a missão de abrir uma livraria em Changsha para vender a literatura do partido. O professor estava a caminho de transformar seu influente mensário, *Nova Juventude*, na voz do partido. A edição de julho trazia artigos elogiosos sobre Lênin e o governo soviético. A partir daquele outono, a revista foi subsidiada pelo Comintern.

A tarefa de Mao era distribuir *Nova Juventude* e demais publicações comunistas (bem como vender outros livros e revistas). Embora não fosse um comunista comprometido, era um radical. E também amava os livros e gostou do trabalho. Logo depois de ter voltado a Changsha, um anúncio sobre a livraria continha uma declaração bizarra escrita por ele mesmo: “Não há cultura nova em todo o mundo. Somente uma pequena flor de nova cultura foi descoberta na Rússia, nas praias do oceano Ártico”. A livraria encomendou imediatamente 165 exemplares da edição de julho de *Nova Juventude*, de longe sua maior encomenda. Outro pedido grande foi o de 130 exemplares de *Mundo do Trabalho*, uma nova publicação do partido dirigida a trabalhadores. A maioria das outras revistas que a livraria encomendou era radical e pró-União Soviética.

Mao não punha em risco o pescoço ao empreender atividades pró-comunistas, porque não eram crime. Na verdade, a Rússia comunista estava na moda. Em Changsha fundou-se uma Sociedade de Estudos da Rússia, liderada por ninguém menos que o chefe do condado. A popularidade da Rússia se devia, em grande parte, a uma fraude perpetrada pelo novo governo bolchevique — a afirmação de que iria renunciar aos velhos privilégios e território czaristas na China, quando, na verdade, os manteve. O território controlado pela Rússia cobria mais de 100 mil hectares e constituía a maior concessão estrangeira no país.

Mao estava encarregado da livraria, mas arranjou um amigo para dirigi-la. Um traço importante emergiu nessa época: ele tinha um dom para delegar tarefas e descobrir pessoas certas para realizá-las. Mao deu a si mesmo o título de “homem especial de ligação”, solicitando doações dos ricos e tratando com editores, bibliotecas, universidades e intelectuais importantes de todo o país. O professor Chen e vários luminares foram listados como fiadores da livraria, o

* Esta é uma questão delicada para Mao e seus sucessores, e por isso a história oficial data a fundação do PCC de 1921, quando foi possível confirmar a participação de Mao, pela primeira vez, em um conclave do partido, o I Congresso. Isso é devidamente comemorado por um museu em Xangai que cultiva o mito de que Mao foi membro fundador do PCC. Entretanto, o fato de o partido ter sido fundado em 1920, e não em 1921, é confirmado tanto pela revista oficial do Comintern como por um dos emissários de Moscou que organizaram o I Congresso.

que deu grande impulso ao status de Mao e o ajudou a conquistar o posto de diretor da escola primária ligada à sua antiga escola normal.

Não há provas de que tenha entrado formalmente para o partido nesse momento, embora em novembro, graças à livraria, fosse computado como “um dos nossos”. Quando Moscou decidiu montar uma organização em Hunan chamada Liga da Juventude Socialista, para criar um fundo de membros potenciais do partido, Mao foi contatado para fazer o serviço. No mês seguinte, numa carta a amigos que estavam na França, ele declarou que “concordava profundamente” com a ideia de “usar o modelo russo para reformar a China e o mundo”. Essa foi sua primeira manifestação de crença comunista.

Prestes a completar 27 anos, Mao se tornara comunista — não depois de uma jornada idealista ou levado por uma crença apaixonada, mas por estar no lugar certo, na hora certa, e por ter recebido uma tarefa que lhe era muitíssimo conveniente. Ele fora efetivamente incorporado a uma organização em expansão.

Seu melhor amigo na época, Siao-yu, acreditava que o custo do caminho russo era alto demais e, da França, escreveu a Mao dizendo o que ele e outros pensavam:

Não achamos que alguns seres humanos devem ser sacrificados pelo bem-estar da maioria. Somos a favor de uma revolução moderada, por meio da educação, e que busque o bem-estar de todos [...] Consideramos que revoluções do estilo russo — marxistas — são eticamente erradas.

Mao resumiu o pensamento dos amigos como sendo o de “usar meios pacíficos para buscar a felicidade de todos”. E argumentou contra, não por motivos idealistas, mas invocando o puro realismo: “tenho dois comentários [...]: está tudo muito bem em teoria; mas não pode ser feito na prática”. “Os ideais são importantes”, disse Mao, “mas a realidade é ainda mais importante.”

Mao não era um crente fervoroso. Essa ausência de compromisso sincero resultaria numa relação incomum e muito pouco convencional dele com o partido durante toda a vida, mesmo quando se tornou o chefe.